

Impactos da pandemia na alfabetização: o que dizem as produções do campo da educação?

Impacts of the pandemic on the literacy process:
what do the productions of the field of education say?

Elisângela Gomes Martins PINTO¹
Sandro Tiago da Silva FIGUEIRA²

Resumo

Este artigo de revisão bibliográfica tem por objetivo compreender os impactos da pandemia de COVID-19 no processo de alfabetização. Inscritos metodologicamente na pesquisa qualitativa, nos debruçamos no levantamento online, nas bases Capes e Scielo, de estudos que dialogassem com a temática da alfabetização no pós-pandemia. Os resultados apontam que o isolamento social, a maneira desigual da oferta do ensino remoto pelas redes de ensino e a falta de suporte tecnológico aos professores entrelaçam como impactos da pandemia no processo de alfabetização nos pós 2020, evidenciando a necessidade de práticas inventivas no retorno às aulas presenciais.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino remoto. Alfabetização. Autoria docente.

Abstract

This literature review article aims to understand the impacts of the COVID-19 pandemic on the literacy process. Methodologically inscribed in qualitative research, we looked online, in the Capes and Scielo databases, at studies that dialogued with the theme of literacy in the post-pandemic. The results show that social isolation, the uneven way in which remote teaching is offered by education networks and the lack of technological support for teachers are intertwined as impacts of the pandemic on the literacy process in the post 2020 period, highlighting the need for inventive practices when returning to face-to-face classes.

Keywords: Pandemic. Remote education. Literacy. Teaching authorship.

1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos formativos e desigualdades sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Servidora da Prefeitura Municipal de São Pedro da Aldeia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3947909477694992>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2960-3350>. E-mail: elisangela.educ@gmail.com

2 Doutor em Ensino na área de concentração Ensino formal em Biociências e Saúde (FIOCRUZ, 2017). Professor Adjunto na Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais (FFP/UERJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3103883999232068>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5351-0782>. E-mail: figueiras.tiago@gmail.com

Introdução

O referente artigo de reflexão teórica ancorado na revisão de literatura, é parte integrante de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo é identificar os impactos da pandemia e os desafios das práticas educativas no processo de alfabetização na rede pública do município de São Pedro da Aldeia-RJ.

Os anos 2020 e 2021 foram marcados por uma crise sanitária mundial de COVID-19 provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que, impactou substancialmente em todos os setores da sociedade e no aspecto educacional não foi diferente. Assim que a Organização Mundial de Saúde decretou uma crise pandêmica, o Ministério da Educação - MEC publicou em março de 2020 a Portaria N.º 343, a qual dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas via plataformas e/ou meios digitais durante as restrições de isolamento social impostas pela pandemia, oficializando assim o início do Ensino Remoto Emergencial (ERE). O termo ERE, surgiu diante deste contexto de pandemia em substituição às aulas presenciais.

Hodges e colaboradores (2020) entendem Ensino Remoto Emergencial como uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise. Para eles, esse tipo de abordagem envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para a instrução ou a educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos, e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído. (Hodges *et al.*, 2020, apud Paiva, 2020, p. 62).

Como alfabetizar a partir das plataformas digitais, principalmente, as crianças com idade entre 06 a 08 anos das escolas públicas, infâncias estas muitas vezes marcadas pela pobreza e acentuada pela desigualdade social? O que fazer, professor/a? Para além das preocupações com a pandemia, o uso das tecnologias digitais assumiu uma das maiores preocupações e desafios por parte dos professores da educação básica pelas dificuldades de domínio por parte dos professores, mas também pelas condições de eficiências às práticas professorais e, sobretudo, o acesso a estas ferramentas pelas crianças.

Os dados de estudos apontam que apenas 48% da população está conectada à internet (e sua maioria, por meio do aparelho celular) e que 46,5 milhões de domicílios não possuem acesso à rede (CETIC, 2020), logo, o ensino remoto por meio de plataformas digitais e/ou atividades não presenciais, adotado como estratégia para manter os estudantes com vínculo escolar em todas as etapas e níveis educacionais, nem sempre alcançou exitosamente a todas as crianças, principalmente, aquelas de escolas públicas frente às inúmeras situações de desigualdades sociais.

No entanto, estudos (Metzner; Bilória, 2013) indicam que é crucial que a criança tenha uma rotina para se sentir segura e desenvolver sua independência, além de ter controle sobre as atividades que ocorrerão. Além disso, a inserção da criança no ambiente escolar promove novas relações sociais e aprendizagens significativas.

Entretanto, sabe-se que, uma boa parte dessa interação acabou se perdendo durante o período de isolamento social, mesmo que o ensino remoto por meio das plataformas digitais tenha sido implantado, tendo em vista que algumas atividades desenvolvidas através das práticas presenciais de ensino na etapa da alfabetização foram significativamente comprometidas, dentre elas, o desenvolvimento da coordenação ampla, tais como, desenhar, pintar, escrever, recortar, coordenação motora fina e a leitura direcionada e mediada, pelo processo de desenvolvimento da linguagem das crianças.

Importante destacar, que a criança matriculada em 2022 no 1º ano da alfabetização - em 2020 e 2021 era aluno da Educação Infantil - e, foram dois anos de ensino remoto e isolamento social – ou seja, sem contato com o ambiente escolar. As crianças matriculadas em 2022 no 2º ano, em 2020 eram estudantes da Educação Infantil de cinco anos e em 2021, passou a ser aluno do 1º ano de Alfabetização. Entretanto, foram dois anos com ensino remoto, neste período da transição entre Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Diante dessa realidade inquires-se com as seguintes perguntas: (1) Quais os impactos da pandemia causados no processo de alfabetização a partir das narrativas de professoras que atuaram nas turmas de 1º e 2º ano de alfabetização no pós 2020? (2) Quais foram as autorias docentes na produção inventiva de respostas às lacunas de aprendizagens identificadas nos alunos durante o processo de alfabetização após o ensino remoto?

Considerando as medidas adotadas para a organização do trabalho escolar nas secretarias municipais de educação para o período de suspensão das aulas presenciais e as diferentes realidades socioeconômicas do país, infere-se que o regresso às aulas presenciais não foi homogêneo para os alunos que precisavam se alfabetizar.

Sangenis (2023) pontua que muitos governos falharam em medidas básicas no enfrentamento da pandemia nas escolas, não oferecendo suporte aos professores e estudantes para a implantação do ensino remoto, ou seja, não houve compra de equipamentos, bem como a aquisição de pacotes de dados para acesso à internet “aos excluídos digitais” (Sangenis, 2023, p.215). Portanto, ainda existem muitos desafios para os próprios alunos conseguirem se alfabetizar devido à falta da Educação Infantil ou do 1º (primeiro) ano do Ensino Fundamental presenciais durante a pandemia e para o corpo docente com a adoção de reforço nas práticas educativas no retorno às aulas presenciais.

Tendo como ponto de partida a Teoria Histórico-Cultural (Vygotsky, 2000), que considera a aprendizagem por meio do contexto sociocultural, destacando a construção de saberes necessários para serem articulados com os processos de aprendizagem, assumimos o desenvolvimento social da criança enquanto pré-requisito para o aprendizado. Uma articulação, que acontece por meio da interação com os pares, ou seja, mediada com a integração com o mundo.

Nesse íterim, dialogando com Soares e Batista (2005), compreendemos que “alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica” (Soares; Batista, 2005, p. 24), cuja apropriação requer um agrupamento de conhecimentos e procedimentos prévios. Por essa razão, entendemos que para realizar-se um determinado aprendizado, é necessário apropriar-se de conhecimentos e procedimentos básicos, porque

“[...] o domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.” (Soares; Batista, 2005, p. 24).

Ainda em Soares (2020), na etapa da alfabetização a aquisição da leitura e escrita necessita de mediações sociais e pedagógicas mais efetivas, uma vez que para estar alfabetizado, entretanto, é necessário que a criança, além de dominar o sistema de escrita alfabética, seja capaz de produzir e ler textos com autonomia e não apenas escrever e ler algumas palavras. É “ser capaz de ler e compreender textos e de escrever textos é o que considera uma criança que além de alfabética, se torna alfabetizada, objetivo do ciclo de alfabetização e letramento” (Soares, 2020, p. 200).

Soares (2004) conjuga alfabetização e letramento como processo interdependente e inseparável, colocando que

“[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização.” (p. 14).

Por essa perspectiva, Freire (2006, p. 47) ressalta que “alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora da cultura”, considerando os ensinamentos, as trocas e diálogos, no processo educacional, numa perspectiva de que a criança é um sujeito que pensa sobre o seu mundo e produz cultura.

Freire (2006b) enfatiza a crítica da leitura sem significado na alfabetização e insere o alfabetizando num processo criador, de que ele é também um sujeito histórico e social, que se apropria de uma cultura e, ao mesmo tempo é produtor dela. O autor considera que a leitura da palavra é precedida da leitura do mundo. Na alfabetização, é significativo que os professores trabalhem com textos que tratam da realidade dos alunos e não restritamente criados para o trabalho escolar como *Ivo viu a uva*, expressão utilizada por Paulo Freire.

Pandemia e alfabetização: conjugando o itinerar metodológico e anunciando diálogos inventivos

A pesquisa em tela, de cunho qualitativo, se enquadra no estudo de natureza exploratória (Minayo, 2015), por entender que buscamos

identificar, descobrir, compreender as ideias sobre o fenômeno pesquisado, analisando os impactos desencadeados pela pandemia da Covid19. A natureza qualitativa (Triviños, 2011) deriva da necessidade de compreensão contextualizada nas dimensões sociocultural e sociopolítica.

Inscrita metodologicamente na revisão bibliográfica, a qual segundo Oliveira (2007), busca investigar documentos de cunho científico de diferentes autores sobre um determinado tema e permite o conhecimento do que já foi investigado sobre o tema, necessitando de seleção e leitura prévia das obras para as possíveis reflexões teóricas.

Partindo das orientações teóricas acima mencionadas, efetuamos buscas com as palavras-chave *alfabetização, pandemia e inventividade* nas bases de dados disponíveis no acervo de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nas bases da SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Scholar, considerando as publicações nos anos de 2021, 2022 e 2023, momento em que a sociedade ainda vivenciava a pandemia de Covid-19, cuja retomada das aulas começaram a acontecer gradualmente em todo território nacional.

Inicialmente, ao filtrar colocando as palavras de busca *alfabetização, pandemia e inventividade*, nenhum resultado obtivemos nas bases da Capes, SciELO e Google Scholar. Ao colocarmos as palavras-chave “alfabetização e pandemia”, tivemos um retorno de oitenta e seis (86) periódicos nacionais nas bases da Capes, sete (7) periódicos nas bases da SciELO e 175 (cento e setenta e cinco) resultados nas bases do Google Scholar.

Realizamos primeiramente a leitura dos títulos e resumos para identificar quais dialogavam com a temática da alfabetização de crianças e os desafios da alfabetização no pós-pandemia, depreendendo desta etapa um total de dez (10) artigos. Nesta fase da filtragem excluímos os artigos repetidos. Em seguida, fizemos as leituras dos artigos selecionados identificando as sinalizações das produções sobre a alfabetização na pandemia.

No trabalho de Santos (2020), o autor afirma que qualquer quarentena é sempre discriminatória, acentua-se as dificuldades para alguns grupos sociais do que para outros. Muitos moradores de periferias vivem em condições precárias, em habitações estreitas com famílias numerosas, em lugares que os serviços públicos não chegam.

Confluindo nesta perspectiva, Oliveira *et al.* (2021) apontam que as dificuldades encontradas pelos sistemas educacionais em implantar o ensino remoto durante o período de fechamento das escolas, poderão atingir de modo desigual as oportunidades de aprendizagens. Ademais, considera-se que a “referência para os alunos é a educação presencial (para as famílias e os professores também), e a pandemia não deu a eles condições (nem tempo) para adaptarem-se e transitar para novas modalidades e abordagens” (p.102).

Cunha *et al.* (2021, p. 52) colocam em seu trabalho que as diferentes formas que as redes municipais buscaram atingir os estudantes e a maneira pela qual os menos favorecidos socioeconomicamente tiveram acesso ao ensino, “demonstra a parcialidade das aprendizagens e escancara o abismo social em que vivemos”.

Nesta esteira, Macedo (2021) aborda a transferência abrupta do ensino presencial para o ensino remoto em meio à pandemia e reforça a condição do acesso e do acompanhamento das atividades remotas online por estudantes do ensino básico, propondo uma reflexão sobre desigualdades sociais e digitais.

Os autores Ferreira *et al.* (2020), Giovani (2021), Mainardes (2021) e Gomes; Paiva e Sampaio (2021) dialogam sobre a alfabetização em tempos de pandemia, enfatizando as dificuldades encontradas pelos professores diante da necessidade de reinventarem suas práticas. Explicam que nessa etapa as dificuldades são maiores, uma vez que continuam construindo o processo da leitura e escrita, necessitando da supervisão de um adulto que nem sempre possui formação adequada para acompanhar a criança na realização das atividades. Além disso, a alfabetização é uma etapa peculiar de interação constante entre professores e alunos, de modo que a abordagem pedagógica remota apresenta limitações. Os autores enfatizam que os resultados obtidos nesse processo de alfabetizar no ensino remoto, estão associados com o apoio que o aluno recebe no seu contexto familiar.

Para dialogar com o levantamento realizado, consideramos importante pontuar que os resultados do Censo Escolar (INEP, 2022) apresentam indicativos educacionais à pandemia de Covid-19 nos anos letivos de 2020 e 2021. Já era previsto que os indicadores trariam um diagnóstico mostrando os efeitos da pandemia na educação, revelando os problemas estruturais bem como o acesso, a trajetória e o aprendizado dos estudantes.

Dessa forma, Pagliarini *et al.* (2022) reafirmam a importância das relações sociais no espaço escolar, porque até mesmo as crianças que tiveram condições de acompanhar o ensino remoto, tiveram prejuízos sociais, emocionais ou de aprendizagens. Os resultados não foram mais agravantes devido às estratégias adotadas pelas escolas para enfrentar a situação de pandemia, e especificamente, as práticas inventivas dos professores a fim de manter o vínculo da criança com a escola e o direito de aprender.

No artigo de Bampi e Shindhelm (2023) apreendemos que foram criados novos espaços coletivos denominados de encontros de ensino remoto, proporcionando a reflexão, reorganização e reconstrução dos saberes docentes, destacando a importância da posição docente no cenário pandêmico de incertezas.

Diante das novas experiências, Sangenis (2023) enfatiza que as ações dos professores e professoras devem ser escritas e divulgadas para haver notoriedade das experiências, inovações, invenções que surgiram do cotidiano em tempos de pandemia, conectando criatividade e inventividade. O autor afirma que os professores e professoras desenvolveram uma série de conhecimentos que não dominavam, em especial, aqueles atinentes às tecnologias da informação e da comunicação (Sangenis, 2023, p. 214)

Silvano *et al.* (2022) sinalizam que sendo o ensino presencial ou o ensino remoto, cabe ao professor a tarefa de alfabetizar, pois esta requer o domínio de um conjunto de conhecimentos peculiares, envolvendo constantemente a interação do professor e alunos, em uma dinâmica escolar de construção de saberes, apropriação da leitura e escrita repleta de acompanhamento e intervenções.

No interior da perspectiva de aprendizagem por meio da interação escolar, percebemos com os apontamentos dos estudos levantados que a aprendizagem de leitura e escrita das crianças ficou comprometida durante as aulas ofertadas por meio das tecnologias digitais. A professora Anne-Marie Chartier ressalta que enquanto as novas ferramentas digitais tornavam possíveis esse “distanciamento”, todos compreenderam a que ponto a aprendizagem escolar é uma experiência que exige o “estar juntos” e que o ensino não podia ser reduzido a trocas virtuais, porque o processo de aprendizagem da leitura e da escrita se constrói socialmente (Chartier, 2022, p. 13).

A falta de suporte de políticas educacionais aos professores e alunos diante da mudança abrupta de ensino, concomitante às dificuldades enfrentadas pelos sistemas educacionais em implantar o ensino remoto, acrescido a falta de preparo por grande parte dos professores em dominar as tecnologias digitais e a maneira de acesso desigual por parte dos alunos, podem ser considerados como alguns impactos da pandemia no processo de alfabetização no pós 2020, evidenciando urgentemente a necessidade de práticas inventivas e criativas no retorno às aulas presenciais.

A inventividade é a nossa aposta argumentativa para a constituição de um modo de enfrentamento criativo diante das múltiplas questões colocadas pela realidade pandêmica. Nosso entendimento de invenção de si fundamenta-se em Josso (2007, 2010) e Freire (1979), no sentido de clarificar as experiências pedagógicas cotidianas nas quais o sujeito cria e recria o ser profissional docente. Assim sendo, apreende-se com Josso (2007) que rememorar é uma experiência significativa, pois potencializa a reinvenção das práticas e o saber-fazer sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar.

Nesse sentido, Freire (1979) ao propor uma educação problematizadora, fundamenta nossa defesa da criatividade/inventiva/autoral, que estimula a criticidade do sujeito em construção sobre a realidade, “respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras” (Freire, 1979, p.42).

Desse modo, o desafio está posto: além de compreender os impactos da pandemia de COVID-19 no processo de alfabetização nas turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental no pós 2020, é premente a necessária investigação das autorias docentes na produção inventiva de respostas às lacunas de aprendizagens identificadas nos alunos durante o processo de alfabetização após o ensino remoto.

Ao longo do levantamento sobre a temática *alfabetização e pandemia*, as produções nos apontam as dificuldades encontradas pelas redes municipais, bem como a maneira desigual da oferta do ensino remoto (Oliveira *et al.*, 2021; Cunha *et. al*; 2021), intensificados pelo isolamento social e desigualdades sociais e digitais, principalmente das crianças das classes mais empobrecidas (Macedo, 2021; Santos, 2020) e a falta de suporte tecnológico aos professores por parte das redes municipais

(Giovani, 2021; Mainardes, 2021; Gomes; Paiva; Sampaio, 2021).

Atreladas à etapa peculiar da alfabetização, destacam que a mesma requer interação constante entre professor e alunos (Silvano *et al.* 2022; Chartier, 2022), devido aos possíveis impactos da pandemia no processo de alfabetização no pós 2020. Ainda, as estratégias adotadas pelos docentes (Pagliarini *et al.* 2022; Bampi; Schindhelm, 2023; Sangenis, 2023) nos trazem indícios de que os professores desenham diariamente estratégias alfabetizadoras para lidar com os desafios enfrentados, a fim de superar os impactos da pandemia e as práticas educativas inventivas clarificam caminhos para a construção de fazeres criativos na educação.

Sendo assim, parafraseamos Freire (1996) quando destaca como um dos saberes fundamentais do educador, a compreensão da realidade para nela intervir e transformá-la, pois o processo de alfabetização, por si, já é considerado complexo, uma vez que é exigido um leque de conhecimentos específicos e saberes necessários para serem articulados com os processos de aprendizagem, organização, métodos, interação com pares.

A intensificação pelo ensino remoto acrescentou aos docentes a necessidade de incentivar as crianças a desenvolverem a capacidade de construção de opiniões, conteúdos, conhecimentos de maneira autônoma a partir das estratégias virtuais disponíveis pelas plataformas digitais. Esta dinâmica não alcançou com êxito as crianças da alfabetização e da educação infantil, principalmente, os alunos das classes empobrecidas e, por vezes, em condições de desigualdades sociais, conforme expressaram os estudos levantados.

Considerações finais

A aprendizagem da leitura e da escrita modifica a condição social e oferece as pessoas uma perspectiva melhor de vida, sendo ela um direito social. Para Freire (2001), o analfabetismo é uma injustiça social, logo, alfabetizar significa um compromisso político.

Considerando a revisão bibliográfica realizada nas plataformas online, compreendemos que as medidas adotadas para a organização do trabalho docente nas secretarias municipais de educação, para o período de suspensão das aulas presenciais, acrescidos de diferentes realidades socioeconômicas do país, foi altamente complexa para todos e que muitos

desafios da educação se acentuaram com o retorno das aulas presenciais.

Vale ressaltar o nó surgido com o aparato tecnológico no ensino remoto, manifestado pela falta de suporte aos professores para manter o ensino e a interação com os alunos, as dificuldades de conectividade e acesso aos aparelhos celulares por parte dos alunos, repercutindo negativamente na aprendizagem da leitura e escrita das crianças, processo primordial de interação entre docente e alunos.

Ao refletirmos sobre os desafios enfrentados no contexto da pandemia e sua influência no processo de alfabetização nas turmas de 1º e 2º ano no pós 2020, torna-se necessário considerar a influência que o meio social exerce nesse processo de ensino e aprendizagem, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural (Vygotsky, 2000) em consonância com as premissas defendidas por Soares e Batista (2005) ao demarcar a alfabetização como aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, cuja apropriação requer conhecimentos prévios.

Portanto, compreender os impactos da pandemia causados no processo de alfabetização nas turmas de 1º e 2º ano de alfabetização no pós 2020 torna-se uma discussão atual, necessária, diante da realidade brasileira. Necessária, dentre outros motivos, para afirmar que os professores produzem saberes com autoria e inventividade na direção de proporcionar às crianças aprendizagens significativas para o seu progresso na leitura e escrita. À vista disso, Freire (1979) nos inspirou a enxergar na inventividade docente um caminho possível como resposta aos desafios impostos pela pandemia.

Concluimos que os docentes, mesmo sobrecarregados e com o descaso político com a educação durante o ensino remoto, não se conformou com o fatalismo ao seu deparar com as “situações limites” (Freire, 1987, p. 53). Reconheceram os desafios e obstáculos, transcendendo-os na direção de construção do “inédito viável” (Freire, 1987, p. 53), ou seja, aquilo que ainda não foi criado ou vivido e que pode tornar-se realidade, por meio da ação libertadora e inventiva de respostas às lacunas de aprendizagens.

Referências

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de covid-19. **Em Rede - Revista De Educação a Distância**. v.7, n.1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

BAMPI, M. L. F.; SCHINDHELM, V. G. Revisitando a escola nas narrativas de docentes e discentes durante a pandemia. In: ARAUJO, M.; TAVARES, M. T. G.; LAGOS, N. **Vozes da Educação resistências políticas e poéticas na vida e na educação**. Regina Leite Garcia, presente! Rio de Janeiro: NAU, 2023. p.155-169.

BRASIL. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais. Brasília: MEC, 2020.

CETIC. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - **Três em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios**. 2020. Disponível em: <<https://cetic.br>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

CHARTIER, A. M. Entrevista com Anne-Marie Chartier. **Revista Cadernos de Educação**, Pelotas. n. 66, e066622P, 2022. p. 01-14.

CUNHA, L. et al. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GIOVANI, F. A singularidade de um processo de alfabetização em tempos de pandemia. **Revista Educação Básica em Foco**, v.2, n.4, janeiro a março de 2021. Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/04/Artigos/A_singularidade_de_um_processo_de_alfabetizacao_em_tempos_de_pandemia_GIOVANI-F.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2023.

GOMES, G. R.; PAIVA, L. B.; SAMPAIO, N. S. S. Alfabetização em tempos de pandemia: desafios enfrentados pelos/as professores/as para ensinar as crianças a ler e escrever por meio da abordagem pedagógica remota. **Congresso Brasileiro de Alfabetização**. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/viewFile/1405/915>. Acesso em: 24 mai. 2023.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar, 2022**. Brasília: MEC, 2023.

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 73, pp. 262-280. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

MAINARDES, J. Alfabetização em tempos de pandemia. In: CORREA, B. da S. S.; LINO, C. de S.; CONSTANT, E. et al. **Políticas e práticas de alfabetização: perspectivas autorais e contextuais**. Rio de Janeiro, Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro: VW Editora, 2021, pp. 57-65. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354173008_Alfabetizacao_em_tempos_de_pandemia>. Acesso em: 24 mai. 2023.

METZNER, A. C.; BILÓRIA, J. F. A importância da rotina na Educação Infantil. **Revista Fafibe On-Line**, ano 6, n. 6, nov. 2013. P. 1-7. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MONTEIRO, E. C. Educação na pandemia: a experiência de uma escola da rede municipal de ensino de Campina Grande (PB). **Anais VII CONEDU** - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68460>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

OLIVEIRA, B. R. de; OLIVEIRA, A. C. P. de; JORGE, G. M. dos S.; COELHO, J. I. F. Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 84–106, 2021. DOI: 10.21723/riace.v16i1.13928. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13928>>. Acesso em: 24 mai. 2024.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PAGLIARINI, A. C. F. et al. Impactos da pandemia no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Conjecturas**, 22(12), 271–280. Disponível em: <<https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1497>>. Acesso em: 26. mai. 2023.

PAIVA, V. L. M. de O. e. Ensino remoto ou ensino a distância: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários: revista de cultura**, Recife, v. 37, n. 1/2, p. 58-70, dez. 2020. ISSN Edição Digital: 2675-7354. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosuniversitarios/article/view/249044/37316>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

PEREIRA, R.; TOLEDO, R. Alfabetização em tempos de pandemia: o que fazer com as crianças em casa, em tempos de distanciamento social? In: LIBERALI et al. (Org.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível** / Organizadores: Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 217-226. Disponível em: <https://wiki.sj.ifsc.edu.br/images/5/5f/Ebook_Ed_Pandemia_Digital_1-01-07.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2023.

SANGENIS, L. F. C. (Pan)eudaimonia na escola e na educação em tempos de pandemia e pandemônio. In: ARAUJO, M.; TAVARES, M. T. G.;

LAGOS, N. **Vozes da Educação** resistências políticas e poéticas na vida e na educação. Regina Leite Garcia, presente! Rio de Janeiro: NAU, 2023. p.207-2019.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SILVANO, J. D. R. et al. Os desafios da alfabetização no Brasil no contexto da pandemia. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v.9, n.27. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6682>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, nº 25, 2004.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1.ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. B; BATISTA, A. A. G. B. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento). Disponível em: <col-alf-let-01-alfabetizacao_letramento.pdf>. (wordpress.com). Acesso em 24 abr. 2023.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1º edição, São Paulo, Atlas. 2011.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZEN, G. C.; FERREIRA, L. G.; FERREIRA, L. G. Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna. **Revista de Letras**, Vitória da Conquista-Bahia, v. 12, n. 2. p. 283-299, 2020. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/7453/5569>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

Recebimento em: 08/07/2023.

Aceite em: 20/06/2024.